



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço de posse da diretoria da Confederação Nacional de Seguros, Resseguros, Previdência Privada Aberta, Saúde Suplementar e Capitalização

Brasília-DF, 03 de março de 2009

Meu caro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,
Eduardo Braga, nosso governador do estado do Amazonas,

Meu caro João Elísio Campos, presidente da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização,

Companheiros ministros de Estado que estão aqui – nem eu consigo fazer uma reunião com tantos ministros quanto vocês conseguiram colocar aqui nesta mesa –, companheiro Fernando Haddad, Pimentel, Edison Lobão, Paulo Bernardo, Toffoli e o companheiro José Múcio.

Certamente nem o Sarney nem o Temer vão conseguir quorum hoje para fazer votação na Câmara e no Senado, tal é a quantidade de deputados e de senadores aqui presentes. Meus cumprimentos aos deputados e senadores.

Amigos e amigas integrantes dos sindicatos e federações do setor de resseguros.

Eu, na verdade, cortei... Nelson Machado. Eu, na verdade, cortei metade do meu discurso porque eu não sei se é problema de ser nordestino, mas depois da 1 hora me dá uma fome, e dizem que “saco vazio não para em pé”.

Primeiro, é uma honra para qualquer Presidente da República receber a homenagem que concede a Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização.

Mas é importante lembrar que os maiores merecedores de homenagens



como esta são os brasileiros e brasileiras de todo o mercado de seguros, que investiram no trinômio “coragem, confiança e criatividade” e estão comemorando 15% de crescimento da receita do ano passado.

Fico particularmente feliz, porque este momento é uma celebração de resultados advindos de uma virtuosa combinação de fatores. Os senhores e as senhoras conhecem melhor do que eu a pujança das atividades tão bem representadas aqui nesta ocasião. Na última década, o setor de seguros dobrou de tamanho no País, e hoje representa 3,5% do PIB nacional.

Mas felizmente ainda há muito terreno a ser conquistado. Nos países mais ricos, o percentual de participação dos seguros na vida econômica está na faixa de 7 a 12% do Produto Interno Bruto. O Brasil, portanto, ainda é um mercado com um potencial extremamente promissor. Os ativos garantidores das reservas técnicas das seguradoras já passam de 200 bilhões de reais, ajudando a financiar, com recursos genuinamente nacionais, o desenvolvimento do nosso país. A imensa maioria desses ativos está aplicada em renda fixa, principalmente em títulos do Tesouro Nacional, mesmo com a permissão de se aplicar até 49% em renda variável.

Nos Estados Unidos, a quase totalidade dos recursos está em ações, o que em parte explica fenômenos como o ocorrido com a seguradora norte-americana AIG, a maior empresa do ramo no mundo, que ontem mesmo anunciou perdas de US\$ 100 bilhões em 2008.

Além disso, no Brasil há muito tempo os derivativos descasados, que estão na origem de boa parte da profunda crise que o mundo está atravessando, deixaram de fazer parte das aplicações da indústria de previdência aberta, por força de lei.

E por ter cumprido rigorosamente a legislação que trata da aplicação das reservas técnicas, o setor de seguros no Brasil hoje pode comemorar seus avanços e também a blindagem contra os efeitos perversos da crise internacional.



Meus amigos e minhas amigas,

A importância do setor de seguros, previdência privada e capitalização, para o desenvolvimento do País é inegável, seja pela formação da poupança interna, pela complementação de renda na fase de aposentadoria ou pela redução dos prejuízos causados por sinistros como enchentes e incêndios, entre tantos imprevistos.

Ciente dessa importância, o governo federal tem trabalhado intensamente para oferecer condições propícias ao desenvolvimento do setor. Podemos citar alguns exemplos, como a edição da Medida Provisória 209/2004, convertida na Lei nº 11.053/2004, que melhorou a tributação incidente sobre a previdência privada ao criar a tabela regressiva do Imposto de Renda. Também podemos citar o Decreto nº 5.172/2004, que reduziu a alíquota do IOF para o seguro de vida de 4 para 0%, a partir de [setembro] de 2006, permitindo a redução do preço do seguro para o consumidor final. Esse compromisso do governo com a popularização do seguro de vida se mantém. Mesmo com o fim da CPMF, no início de 2008, o IOF foi elevado apenas para os atuais 0,38% para repor as perdas com a extinção da cobrança daquela contribuição. É importante lembrar ainda a criação de um mercado de resseguros no Brasil, promovida a partir da Lei Complementar nº 126 e das diversas resoluções do Conselho Nacional de Seguros Privados.

E ressalto também a adoção de um padrão de relacionamento mais democrático entre o órgão regulador e as empresas integrantes do mercado. Isso, como os senhores e as senhoras sabem, contribui para que as novas regras sejam elaboradas com melhor percepção sobre o dia-a-dia do setor e para que a atuação do Estado seja mais favorável ao desenvolvimento do seguro no Brasil.

Não é por acaso, portanto, que a crise internacional encontrou o mercado segurador brasileiro em uma situação muito sólida. Embora problemas pontuais de liquidez possam ter ocorrido, a solvência das



seguradoras brasileiras tem sido destaque entre os especialistas internacionais. E isso graças à boa gestão praticada pela ampla maioria das empresas nacionais e à atuação firme do governo federal, que restabeleceu regras e ações de supervisão que propiciaram o atual ambiente equilibrado.

Minhas amigas e meus amigos,

Embora importantes conquistas tenham sido alcançadas, ainda há muito o que fazer para o pleno desenvolvimento do setor de seguros no Brasil. Em primeiro lugar, quero destacar que o governo e a sociedade atuaram junto, recentemente, em um grupo de trabalho conduzido pela Superintendência de Seguros Privados, para estudar a proposta para o microseguro – no seu discurso você disse que está pronta a proposta já. Esse segmento tem potencial para democratizar o acesso à proteção oferecida pelo seguro aos moradores das periferias das grandes cidades, em substituição a produtos informais, não regulamentados e que, muitas vezes, deixam o cidadão totalmente desamparado.

Estou certo de que a situação macroeconômica atual e o resultado efetivo de distribuição de renda que tem sido feita oferecem as condições necessárias para ampliar significativamente a presença do seguro no dia-a-dia dos brasileiros.

Outro ponto importante é o aprimoramento da estrutura da Susep. O fim do monopólio do resseguro trouxe inúmeros desafios, em termos de regulação e fiscalização, já que se estabeleceram, no Brasil, mais de 50 resseguradoras e vários corretores de resseguros. Por esse motivo, o fortalecimento da Susep é essencial para assegurar que o desenvolvimento do mercado segurador se dê em bases sólidas e consistentes, com transparência e, sobretudo, com respeito ao consumidor.

Por isso, entre outras iniciativas, o governo enviou ao Congresso Nacional projeto de lei prevendo a contratação, por concurso público, de mais 250 analistas para a Susep. Esse projeto já foi aprovado na Câmara e eu



espero que a gente conte com a compreensão dos senadores para aprová-lo.

Meus companheiros,
Meu caro João Elisio,
Senadores,
Deputados,

Eu penso que não seria justa a homenagem ao governo se esta homenagem não fosse estendida aos deputados e senadores que, ao longo do ano de 2004, tiveram a competência de fazer as mudanças que precisavam ser feitas no Brasil.

Eu quero aproveitar a imprensa aqui, e os deputados e senadores, para dizer que, muitas vezes, as pessoas se queixam do Congresso, reclamam, falam mal de deputados, falam mal de senadores, falavam mal de você, Lobão. Acontece que o Congresso Nacional é a cara da sociedade brasileira. Ele é o resultado da consciência política no dia em que o povo se manifestou eleitoralmente. Gostemos ou não gostemos, todos foram eleitos, e somente numa próxima eleição é que a gente pode mudar o voto que a gente deu.

Eu estou dizendo isso para fazer justiça. Porque embora muitas vezes as manchetes sejam de grandes discordâncias entre o Executivo e o Legislativo, a verdade é que no meu e em outros governos praticamente se aprovou 99% de tudo aquilo que se queria aprovar, sem nenhum problema para a sociedade brasileira. As brigas que acontecem são resultado do debate democrático.

Eu lutei a vida inteira para que a gente pudesse ter a diversidade política, contrariedades, pensamentos diferentes. Seria muito ruim se a gente um dia voltasse a ter um Congresso Nacional em que o Presidente da República pedia, o Ministro levava e era votado sem nenhuma contestação.

Nós acabamos com isso, nós vencemos isso. Nós gritamos por liberdade e por democracia durante décadas e décadas neste país. E o Congresso Nacional tem sido o resultado dessa conquista.



Portanto, eu acho que a votação dessas medidas para empresas de seguros e de outras medidas que o governo federal obteve, eu só posso aqui partilhar com o Congresso Nacional, porque tem sido um parceiro muito grande na aprovação da melhoria das condições de vida do nosso país.

Muito obrigado pelo convite, Presidente. E parabéns a todos vocês.

(\$211A)